



ESTADOS UNIDOS



Em um país que valoriza o carro, chegar aos estádios tem sido um desafio para torcedores em muitas sedes dos EUA, mas há cidades que facilitam a vida priorizando transporte público

Perrengue chique na Copa

JOÃO VÍTOR MARQUES
PAULO GALVÃO
PEDRO BUENO
ENVIADOS ESPECIAIS

Adam Gray/AFP



Torcedores brasileiros e marroquinos no desembarque na Estação Meadowlands, a caminho do MetLife Stadium: alta demanda e carestia

Alexander Hassenstein/AFP



Exceção à regra, em Houston, torcedores de Curaçao e Alemanha chegaram com facilidade ao estádio

Nova Jersey, Dallas e Houston (EUA) — Na maior Copa do Mundo de todos os tempos, os desafios também são gigantes: um dos principais, a mobilidade. Afinal, os torcedores precisam ir e voltar dos estádios, o que, ao menos nos Estados Unidos, tem levado a experiências bem diferentes dependendo da cidade.

Enquanto algumas oferecem completa rede de transporte público, outras priorizam a condução individual. E há quem tenha boa infraestrutura ferroviária, mas prefira dificultar o acesso, como ocorre em Nova Jersey.

Os esperados problemas no transporte na metrópole da Costa Leste estadunidense foram vistos logo no primeiro jogo no MetLife Stadium, em East Rutherford. No sábado, Brasil e Marrocos empataram por 1 x 1 no local e a locomoção dos torcedores foi complicada.

Transporte comum para o estádio que recebe partidas de futebol americano, o trem chamou a atenção antes mesmo do início do Mundial. O Governo de Nova Jersey decidiu subir o preço da passagem de US\$ 12,90 (R\$ 68) para US\$ 150 (ou R\$ 789). Após protestos, estabeleceu o valor de US\$ 98, correspondente a R\$ 515.

Por esse alto valor em uma passagem de trem e pela quantidade limitada de vagas nos ônibus — cerca de 15 mil das 80 mil pessoas conseguiram essa viagem por US\$ 20 (R\$ 105,20) —, muitos torcedores recorreram ao transporte por carro, o que gerou grandes congestionamentos em torno do estádio, mesmo quatro horas antes do início da partida. Para sair também foram registrados imensos congestionamentos, desagradando turistas e locais.

Até mesmo quem tem certos privilégios, como membros da imprensa, enfrentou dificuldades. A reportagem do **Correio** chegou antecipadamente ao ponto de embarque no ônibus gratuito oferecido pela Fifa. No entanto, só o primeiro horário foi cumprido, pois havia um único veículo para fazer todas as viagens, inviabilizando o serviço devido ao trânsito intenso. Por isso, muitos jornalistas recorreram ao transporte por aplicativo, adicionando mais carros na complicada mobilidade da Big Apple e região.

AT&T Stadium

No norte do Texas, o transporte público não parece ser prioridade. Assim, para se dirigir ao AT&T

Stadium, em Arlington, na Região Metropolitana de Dallas, a maior parte dos torcedores optou por ônibus fretados, transporte por aplicativos e carros particulares, o que

gerou bastante trânsito nas cercanias do complexo esportivo, local do empate por 2 x 2 entre Holanda e Japão, pela primeira rodada do Grupo F.

Quem se dispôs a pagar entre US\$ 129 (R\$ 678,54) e US\$ 300 (R\$ 1.578) conseguiu estacionar nas vagas do próprio estádio, o que não é tão caro para os locais, mas pesa no bolso dos estrangeiros. A alternativa eram as vagas oferecidas por particulares desde as saídas das highways próximas, com preços partindo de US\$ 50 (R\$ 263), valor que subia à medida que se aproximava do local da partida.

Para economizar, algumas pessoas estacionaram longe e pegaram um transporte por aplicativo, em valores próximos a US\$ 15 (R\$ 78,90) para acabar de completar o caminho. Em alguns casos, a distância chegava a 3km, o que agravava o calor de mais de 30°C no início da tarde do último domingo na região, com sensação térmica próxima a 40°C. E também à falta de conhecimento dos funcionários postados ao longo do caminho, que davam informações desencontradas sobre o melhor trajeto a seguir.

R\$ 515

Preço da passagem de trem, em Nova Jersey, para chegar ao MetLife Stadium, local da estreia da Seleção Brasileira

R\$ 1.578

Valor da vaga no estacionamento de carros do AT&T Stadium, em Houston, no norte do Texas

Ao fim da partida, parte dos quase 70 mil presentes tiveram de fazer o caminho de volta. Com mais liberdade para circular, muitos motoristas ofereciam transporte durante o trajeto, muitos deles sem qualquer identificação de serem táxi ou prestadores de serviço de aplicativos.

Tranquilidade

Em Houston, também no Texas, mas na parte sul, na goleada por 7 x 1 da Alemanha sobre Curaçao, no último domingo, o transporte público funcionou tão bem que chamou a atenção dos locais. “Está vindo muita gente para o jogo?”, questionou um ascensorista do NRG Stadium. Quando ouviu “sim”, ficou boquiaberto: “É que o estacionamento está vazio!”.

O espanto é facilmente explicável: os estadunidenses costumam percorrer os 13km do centro até o estádio de carro. Na Copa, porém, os turistas — e mesmo alguns texanos — preferiram o trem, que, apesar de lotado, atendeu bem a demanda. Mais de 68 mil pessoas foram à partida.

Para a imprensa, um ônibus exclusivo, confortável e pontual, diferentemente do que tem ocorrido em outras sedes. O serviço funcionou como o esperado, e o trânsito só apertou nos arredores do NRG — mas nada que atrapalhasse significativamente o trabalho.

Outras cidades também tentaram convencer os torcedores a priorizarem o transporte coletivo para evitar engarrafamentos. É o caso de Kansas City, que cobra passagem no valor de US\$ 15 (R\$ 79) em ônibus especial até o Arrowhead.



DRIBLÉ DE CORPO NA COPA

Marcos Paulo Lima

Na volta da era de até três classificados por grupo, Brasil defende escrita contra Haiti e Escócia: jamais terminou em segundo lugar. Que Ancelotti e os treinos secretos não acabem com essa ostentação

A maldição dos nove pontos

Foi-se o tempo em que o torcedor brasileiro tinha paz no terceiro jogo da Copa do Mundo. A agonia começa na primeira partida, vira drama na segunda e desafia a fazer contas na terceira. Você lembra qual foi a última vez em que a Seleção teve 100% de aproveitamento? Faz 20 anos! Em 2006, o Brasil

derrotou a Croácia, a Austrália e se divertiu contra o Japão do técnico Zico na saideira da fase de grupos. Tempos que só podem voltar na edição centenária de 2030...

Em 2010, na África do Sul, a Seleção de Dunga iniciou a campanha sofrendo contra a Coreia do Sul. Passou pela Costa do Marfim,

mas protagonizou 0 x 0 chato contra Portugal.

Quatro anos depois, virou o duelo com a Croácia, na Neo Química Arena, na abertura da Copa do Mundo, ao empatar por 2 x 2 com a Nova Zelândia. A Federação iniciou os trâmites para obter um novo visto para ele acompanhar a equipe próximas partidas.

contas se passaria em primeiro ou segundo.

Na Rússia, em 2018, a decepção começou cedo. O Brasil de Tite empatou por 1 x 1 com a Suíça. Na sequência, derrotou a Sérvia e superou a Costa Rica nos minutos finais.

A edição passada ia bem até a terceira rodada. A Seleção se impôs contra a Sérvia, na estreia; em seguida, derrotou a Suíça; e perdeu pela primeira vez para uma seleção africana na sequência: vítima

de Camarões. Tite escolheu escalar os reservas.

Aos supersticiosos de plantão, o Brasil ganhou a primeira Copa disputada nos Estados Unidos com um empate. Não no início, mas no fim da fase de grupos. Havia passado por Rússia e Camarões, e Romário marcou de biquinho contra a Suécia em Detroit.

A igualdade com Marrocos na estreia deixou gosto amargo. Não pelo adversário e muito menos por

causa dos dois pontos perdidos. Faltou futebol. Na volta da era de até três classificados por grupo, ressuscitando justamente 1994, o Brasil defende uma escrita contra Haiti e Escócia: jamais terminou em segundo lugar. Que Carlo Ancelotti e os treinos secretos do italiano não acabem com essa última ostentação. Do contrário, torcedores e jornalistas terão de pagar aquela salgada taxa de remarcação. Em dólares!

Tunísia

A Tunísia anunciou, ontem, o francês Hervé Renard como técnico para a sequência da Copa do Mundo. Experiente em Mundiais e com passagens por Marrocos, em 2018, e Arábia Saudita, em 2022, o treinador chega a Monterrey hoje, quando comanda a primeira atividade. Ele substituirá Sabri Lamouchi, demitido após a derrota por 5 x 1 para a Suécia.

México

O goleiro Guillermo Ochoa, que aos 40 anos disputa a sexta Copa do Mundo pela seleção mexicana, deu a entender, ontem, em uma entrevista à Fifa, que pode se aposentar do futebol. “A seleção do México sempre foi, na minha carreira, na minha vida, a minha bússola, minha direção; eu não entendo a minha carreira sem a seleção”, declarou.

Irã

O visto americano do atacante da seleção do Irã Mehdi Torabi expirou após a chegada do atleta ao país. Na segunda-feira, a equipe disputou primeira partida na Copa do Mundo, ao empatar por 2 x 2 com a Nova Zelândia. A Federação iniciou os trâmites para obter um novo visto para ele acompanhar a equipe próximas partidas.

Espanha

A Espanha retornou aos treinos em Chattanooga, ontem, sem Mikel Merino, na academia para “gestão da carga”, após o surpreendente empate sem gols contra Cabo Verde na estreia na Copa do Mundo de 2026. Merino, que perdeu a segunda metade da temporada pelo Arsenal devido a uma lesão no pé, disputou os últimos 25 minutos no Estádio de Atlanta.

Gana

O volante Thomas Partey, que responde no Reino Unido a acusações de estupro e violação sexual, não poderá entrar no Canadá para defender a seleção de Gana contra o Panamá, hoje, às 20h, após a justiça canadense confirmar, ontem, a recusa do visto. O governo recorreu a um tribunal federal para tentar reverter, sem sucesso, a negativa.

FIFA Celebração

“Uau, 1 milhão de torcedores nos estádios!”, comemorou, ontem, o presidente da Fifa, Gianni Infantino, agradecendo aos torcedores que lotaram as arenas da Copa do Mundo, após apenas cinco dias de competição. Vinte partidas, das 104 programadas até 19 de julho, já foram disputadas nas sedes dos Estados Unidos, do México e do Canadá.